CISION

JORNAL DE negócios

ID: 33347160

29-12-2010

Tiragem: 17234
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 8
Cores: Cor
Área: 26,92 x 34,52 cm²
Corte: 1 de 3

ANTÓNIO DE SOUSA, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE BANCOS

"Enquanto se lembrarem da crise não haverá 'spreads' tão baixos"

António de Sousa diz que as famílias deveriam voltar a uma lógica de não gastar o dinheiro antes de o ganhar

SARA ANTUNES saraantunes@negocios.pt

Tem largos anos de experiência na banca – já foi governador do Banco de Portugal e presidente da CGD. António Sousa alerta que será mais difícil e caro ter acesso ao crédito na próxima década.

Quais foram os maiores desafios da banca na última década?

Penso que a última década foi relativamente boa, pelo menos até 2007/2008. Diria que foi fundamentalmente de definição estratégica, de um relacionamento mais aprofundado com os clientes, de melhor eficiência.

E quais serão os maiores desafios nos próximos anos?

A mudança de regulamentação financeira e a gestão de risco dos balanços. Os bancos vão ser penalizados em termos dos capitais que têm à sua disposição, o que significa ter menor rentabilidade. Em Portugal temos ainda um problema de curto prazo, que é de liquidez e de credibilidade da República.

Como vê as oscilações dos "spreads" nos últimos anos?

Houve um período em que o dinheiro se tornou barato, os investidores estavam dispostos a aceitar níveis de risco elevados, havia um excesso de liquidez. Os "spreads" de financiamento da banca baixaram muito e a banca passou essa vantagem para os clientes, de tal maneira que chegou a haver margens praticamente de zero. Por outro lado, a banca teve um processo de transformação muito grande. Até 1991/92, o crédito à habitação era exclusivo de três bancos – CGD, Montepio e Crédito Predial Português.

Considera um erro os "spreads" que se praticaram em 2007/2008?

A concorrência faz com que se façam preços mais baratos. Penso que isso reduziu estruturalmente a rendibilidade da banca portuguesa, mas não criou um problema.

Mas não deveremos voltar a ver "spreads" daqueles...

Enquanto as pessoas se lembrarem das razões da crise – e seria bom que todos tivessem memória –, isso não deverá voltar a acontecer. Mas sabemos que ao fim de uns tempos todos se esquecem. É interessante que algumas das medidas que tinham sido introduzidas nos EUA nos anos 30 tenham sido abolidas nos anos 90 – e voltaram a ser introduzidas, 20 anos depois. Se me pergunta se daqui a 20 ou 30 anos isto não acontece outra vez? Provavelmente sim.

> Se a banca fosse hoje ao mercado, financiar-se-ia a níveis que, em relação à Euribor, estão 7 ou 8 pontos percentuais mais altos. Ninguém pratica estes "spreads".

Mas na próxima década não?

Diria que a crise estará demasiado na mente das pessoas.

Vários responsáveis têm dito que haverá menos crédito. Esta posição será para manter?

Penso que sim. Fundamentalmente por duas razões: a facilidade de financiamento no empréstimo implicava que toda a gente – bancos e investidores que emprestam dinheiro à banca – estava disposta a aceitar níveis de risco que tão depressa não deverão voltar a aceitar. A segunda razão é que esse risco irá ser altamente penalizado nos bancos, dado que as exigências regulamentares de capital serão bastante maiores em função do risco do próprio banco. Todo o enquadramento é no sentido de se assumir menos risco, o que deverá levar a um menor crescimento do crédito.

As empresas vão continuar a enfrentar desafios muito grandes...

As empresas portuguesas, infelizmente, estão habituadas a isso porque nas últimas três décadas já passaram por três ou quatro crises substanciais. E nos períodos bons as empresas não se recapitalizaram. O aumento dos capitais próprios é relativamente pequeno. Porquê? Há várias razões, mas essencialmente porque o enquadramento fiscal não é favorável. As empresas continuam a ter um nível de autonomia financeiro muito pequeno e não há nenhum incentivo para que se recapitalizem.

O actual contexto poderá levar a um aumento do arrendamento?

Apesar de tudo, o crédito à habitação continua a ser muito barato. Mesmo com o aumento dos "spreads", a verdade é que o pagamento mensal ao banco ainda é inferior à renda que é pedida. Além disso, o arrendamento continua a não ser muito atractivo.

Que conselhos daria às famílias?

Não se endividem se não tiverem a certeza de que o seu rendimento provável é suficiente. Penso que em Portugal temos de voltar a uma lógica (considerada muitas vezes ultraconservadora) de não gastar o dinheiro antes de o ganhar.

E à banca?

Penso que o grande problema da banca vai ser como pensar o crédito à habitação em função de ajustar o "pricing" do crédito ao "pricing" do seu próprio financiamento. Por cá, a solução tem sido de aumento dos

CISION

JORNAL DE negócios

ID: 33347160

29-12-2010

Tiragem: 17234
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 9
Cores: Cor
Área: 27,57 x 33,57 cm²
Corte: 2 de 3

Miguel Baltazar

Queda abrupta de juros tornou compra de casa acessível

A década passada foi de expansão do crédito, graças às baixas taxas de juro. Os próximos anos serão de contenção e de juros mais altos

"Quando comprei a primeira casa, nos anos 70, os juros eram quase de 30%", recorda António de Sousa, numa comparação com o actual nível de juros no crédito à habitação, que entre "spread" e indexante não chega aos 3%, segundo os dados do Banco de Portugal.

O presidente da Associação Portuguesa de Bancos (APB) realça que a última década foi caracterizada por "uma grande alteração na estrutura do crédito", que tornou o financiamento para a compra de casa o produto mais importante para a banca. E ainda que, em Outubro, os empréstimos às empresas tenham representado 45,57% do total do financiamento da banca, este valor representa uma quebra face ao início de 2000. Ao contrário do crédito à habitação, cujos montantes de financiamento passaram de 39% do total (no início de 2000) para 43,7%, em 2010.

"Comprar casa através de crédito bancário tornou-se acessível a faixas cada vez maiores da população" ao longo da última década, década e meia, salienta o responsável. E a contribuir para esta evolução esteve "a queda dos juros na ordem dos 10 pontos percentuais", com as famílias a beneficiarem da entrada de Portugal no euro.

E apesar da "descida de juros ter sido repentina, a reacção das pessoas não foi demasiado rápida", o que fez com que o mercado do crédito se tenha ajustado. "Foram cerca de 10 anos de evolução, e nos últimos dois anos o mercado estabilizou", salientou.

De facto, no início da década, o ritmo de crescimento anual do crédito às famílias era superior a 10%, com o financiamento para a compra de casa a ter o crescimento mais acentuado (13%). Nos últimos anos, esta evolução abrandou significativamente, muito devido à crise financeira que assolou os mercados e tornou o acesso ao crédito mais difícil.

A estabilização do mercado de crédito "é a situação mais normal de um mercado que chegou à maturidade", salienta António de Sousa. Na próxima década deverá assistir-se a um crescimento do crédito à habitação em linha com a evolução "do crédito em geral e da própria economia. Estamos a falar de números na ordem dos 2% a 4%".

E esta tem sido a mensagem deixada pela banca, que tem alertado para um abrandamento do crescimento do crédito. Muito por causa dos constrangimentos provocados pela crise de dívida.

Analisando os acontecimentos dos últimos três anos, António de Sousa considera que se há uma lição a retirar da crise, é a de que os "bancos têm de analisar o risco de forma mais profunda". E este cenário já tem sido incorporado pela própria banca, que tem aumentado os "spreads", ainda que como reflexo da crise financeira, e diminuído o financiamento face à avaliação dos imóveis.

Se em tempos houve instituições a emprestarem 100% do valor da casa, actualmente conseguir 80% já pode ser difícil. Além disso, a banca tem pedido mais garantias, como fiadores.

Têm sido vários os responsáveis a considerar que a evolução do crédito malparado das famílias não é preocupante, mas a verdade é que a crise levou a um aumento do desemprego, após um período em que a concessão de crédito teve crescimento acentuado. O que faz com que a taxa de incobráveis entre as famílias tenha subido 2,05% em 2000, para 2,99%. Uma evolução muito justificada pelo segmento de consumo, onde o malparado passou de 3,71% para 8,32% do total dos empréstimos. Em crescendo estão também os processos de sobreendividamento que chegam à Deco (ver gráfico).

"spreads", mas não é a solução racional de médio/longo prazo. Neste momento, se a banca fosse ao mercado, financiar-se-ia a níveis que, em relação à Euribor, andariam 7 ou 8 pontos percentuais acima. Ninguém pratica estes "spreads".

Os mercados têm exercido menos pressão. Em Janeiro, tudo regressará?

Há uma coisa que vai ser importante: a credibilidade da República. E há dois aspectos que são fundamentais. Um deles é saber o que aconteceu em 2010, porque ainda há uma série de incertezas: as contas da saúde; o BPN; ainda não foi explicado porque se tornou necessário a transferência do fundo de pensões da PT... Por outro lado, é preciso perceber o impacto das medidas que foram tomadas mais recentemente.

A banca vai enfrentar ainda uns meses difíceis...

Pelo menos alguns meses. Ficaria muito contente se no Verão houvesse algumas operações no mercado. Será muito difícil os investidores não quererem ver o resultado dessas medidas, depois de ouvirem tantas vezes que se ia executar uma série de medidas. Se houvesse algumas operações antes de Agosto, seria bom, mas se for no terceiro trimestre, não seria nada mau.

OS DESAFIOS ATÉ 2021

REGULAMENTAÇÃO

Até ao final de 2018 (pelo menos), a banca terá de adoptar as regras de Basileia III. E ainda que não esteja já tudo definido, será certo que as exigências de capital vão apertar e penalizar mais as entidades que corram mais riscos. A banca nacional terá de se adaptar às novas regras que serão partilhadas pelas suas congéneres.

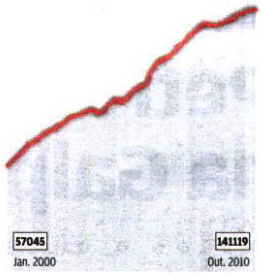
FINANCIAMENTO DA BANCA

Depois de, em 2010, a crise da dívida soberana ter dificultado o negócio da banca, o próximo ano deverá ser marcado por um regresso à normalidade nos mercados financeiros. Contudo, para Portugal os primeiros meses serão decisivos, com os investidores atentos à execução orçamental. Esta meta é fundamental para que a banca consiga aceder aos mercados internacionais e se financie a custos menores do que aqueles que pagaria actualmente, caso não tivesse o apoio do BCE.

10 anos de crédito

CRÉDITO MAIS DO QUE DUPLICOU...

EVOLUÇÃO DOS SALDOS DE FINANCIAMENTO

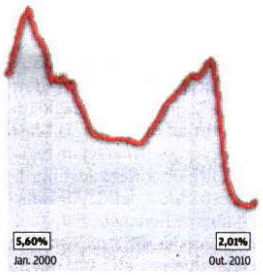


Unidade: milhões de euros | Fonte: Banco de Portugal

Crédito às famílias foi crescendo, com a compra de casa a ser o que mais influenciou a evolução. Só a partir de 2009 se nota um abrandamento.

... COM OS JUROS EM QUEDA

EVOLUÇÃO DAS TAXAS DE JURO DESDE 2000

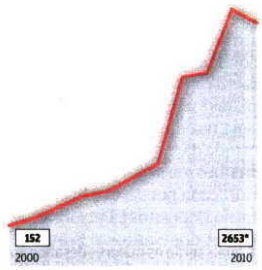


Fonte: Banco de Portugal

A década começou com os juros a chegarem aos 7,4%. Termina com as taxas nos 2,01%. Não foi sempre a descer. A crise financeira provocou um pico em Outubro de 2008.

FAMÍLIAS EM DIFICULDADES SOBEM

PROCESSOS DE SOBREENDIVIDAMENTO DA DECO



Fonte: Deco (*dados de 2010 até Novembro)

Número de pessoas sobreendividadas que chegam à Deco disparou. Em 2000, eram pouco mais de 150. Hoje superam as 2.600.

CISION

JORNAL DE negócios

ID: 33347160

29-12-2010

Tiragem: 17234
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 13,04 x 20,75 cm²
Corte: 3 de 3

Saiba o que vai mudar no crédito na próxima década.

António de Sousa Presidente da Associação Portuguesa de Bancos

"Enquanto os bancos se lembrarem da crise não haverá 'spreads' tão baixos"

Primeira Linha 8 e 9

Sofia A. Henriques